



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA DE DIVINÓPOLIS
CURSO DE PEDAGOGIA**

JULIA MAYUMI UBAGAI PEREIRA

**DIFICULDADES NA EDUCAÇÃO DE NIPO-BRASILEIROS: DO
INÍCIO DA IMIGRAÇÃO AOS DIAS ATUAIS**

DIVINÓPOLIS

2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA DE DIVINÓPOLIS

JULIA MAYUMI UBAGAI PEREIRA

**DIFICULDADES NA EDUCAÇÃO DE NIPO-BRASILEIROS: DO
INÍCIO DA IMIGRAÇÃO AOS DIAS ATUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro Universitário Una de Divinópolis, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Márcio Antônio da Silva

DIVINÓPOLIS

2021

JULIA MAYUMI UBAGAI PEREIRA

**DIFICULDADES NA EDUCAÇÃO DE NIPO-BRASILEIROS: DO
INÍCIO DA IMIGRAÇÃO AOS DIAS ATUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Una de Divinópolis,
como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Me. Márcio Antônio da Silva

Centro Universitário Una de Divinópolis

Prof.^a Avaliadora Especialista em Educação Inclusiva Geralda Pinto Ferreira

Centro Universitário Una de Divinópolis

Prof.^a Avaliadora Dra. Viviane Bernadeth Gandra Brandão

Universidade Estadual de Montes Claros

Aprovado em ___/___/___

DIFICULDADES NA EDUCAÇÃO DE NIPO-BRASILEIROS: DO INÍCIO DA IMIGRAÇÃO AOS DIAS ATUAIS

Julia Mayumi Ubagai Pereira ¹

Márcio Antônio da Silva ²

RESUMO

O fluxo migratório de brasileiros para o Japão iniciou-se no século XX e continua até os dias de hoje. O objetivo deste artigo é compreender a história da imigração nipo-brasileira, apresentar as dificuldades enfrentadas por essa comunidade no que diz respeito à educação de seus filhos em contexto de dificuldades culturais e identitárias e conhecer as estratégias adotadas por ambos os governos, para proporcionarem melhores condições educacionais para essas crianças. Para alcançar tais objetivos, realizamos uma pesquisa qualitativa, analisando documentos governamentais e depoimentos de quatro professores para entender o problema e, assim, tentar diminuir os impactos negativos que afetam o processo educativo das crianças e apresentar propostas para que crianças descendentes tenham o apoio de profissionais capacitados. Nesse sentido, a pesquisa terá o apoio de pesquisa bibliográfica pertinente. Através dessa pesquisa, concluímos que a educação sempre foi um assunto importante para a comunidade nipo-brasileira e os familiares precisam estar envolvidos em todo o processo educacional do filho, priorizando a educação e tomando decisões que possibilitem um bom desempenho escolar dos filhos. Este estudo baseia-se em interesse pessoal sobre a questão, já que a autora, de ascendência japonesa, experienciou essa vivência.

Palavras-chave: Educação Nipo-Brasileira. Imigração. Cultura e Identidade. Escolas Japonesas. História da Educação.

ABSTRACT

The migratory flow of Brazilians to Japan began in the 20th century and continues today. The objective of this article is to understand the history of Japanese-Brazilian immigration, to present the difficulties faced by this community with regard to the education of their children in the context of cultural and identity difficulties and to know the strategies adopted by both governments, to provide better educational conditions for these children. To achieve these goals, we conducted a qualitative research, analyzing government documents and testimonies of four teachers to understand the problem and, thus, try to reduce the negative impacts that affect the educational process of children and present proposals for descendant children to have the support of professionals trained. In this sense, the research will have the support of pertinent bibliographic research. Through this research, we conclude that education has always been an important issue for the Japanese-Brazilian community and family members need to be involved in the entire educational process of their child, prioritizing education and making decisions that enable their children's school performance. This study is based on personal interest on the issue, since the author, of Japanese descent, experienced this experience.

Keywords: Japanese-Brazilian Education. Immigration. Culture and Identity. Japanese Schools. History of Education.

¹ Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Una. E-mail: mayumiubagai@hotmail.com

² Mestre em Educação e Orientador do Centro Universitário Una. E-mail: mario.antonio@prof.una.br

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema *Dificuldades na Educação de Nipo-Brasileiros: do Início da Imigração aos Dias Atuais*, foi influenciado por uma experiência particular de vivência da autora de ascendência japonesa. Nasci na cidade de Nagoya, Japão, onde estudei por doze anos em escola japonesa. Fui alfabetizada informalmente em português pela minha mãe, enquanto aprendia japonês na escola. Entretanto, quando cheguei ao Brasil, enfrentei inúmeras dificuldades, principalmente com relação às diferenças culturais, somadas à estrutura física e organizacional da escola brasileira. Ao mesmo tempo, conheci a realidade de amigos brasileiros no Japão que tiveram dificuldades semelhantes de adaptação à escola japonesa. É justamente essa situação que vivenciei que me motivou a estudar para conhecer e contribuir com as próximas gerações, de forma a diminuir o impacto causado pela fase de transição e adaptação dos imigrantes.

Desejamos com este trabalho compreender a história da comunidade nipo-brasileira e apresentar propostas para que crianças descendentes tenham o apoio de profissionais capacitados e habilitados a aplicar métodos educacionais adequados, diminuindo as dificuldades e os sofrimentos no período escolar.

A relação Brasil-Japão iniciou-se com a imigração japonesa em 1908. O Brasil recebeu milhares de famílias japonesas que se estabeleceram principalmente no contexto paulista. Desde então criou-se a cultura nipo-brasileira e cerca de 80 anos após esse deslocamento, iniciou-se o processo inverso. Conhecido como movimento decasségui³, os descendentes de japoneses no Brasil passaram a buscar melhores condições de vida na terra de seus antepassados.

Com base nesses pressupostos, o foco desta pesquisa é a inserção das crianças nesse movimento cultural e social no Japão. A nova realidade trouxe diversas dificuldades para as crianças com relação à educação, especificamente a alfabetização e à formação de identidade. Os pais enfrentam o dilema entre a necessidade de levar a família para o Japão, em busca de oportunidade de emprego e melhores condições de vida, ao mesmo tempo em que enfrentam

³ O termo decasségui significa trabalhar fora de casa. No Japão referia-se a trabalhadores rurais das regiões norte e nordeste que iam trabalhar em regiões mais desenvolvidas durante o inverno. Hoje, o termo é utilizado para caracterizar a ida de descendentes de japoneses do Japão a outros países para trabalhar temporariamente, em serviços considerados desqualificados (“3K” – *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso) e recusados pelos próprios japoneses). (COSTA, 2012, p.209)

dificuldades de adaptação cultural, além da responsabilidade perante a família do que essa decisão representa para a família no seu retorno ao Brasil e a readaptação ao país.

Tendo em vista este cenário, em setembro de 2018, o Ministério da Educação do Brasil juntamente com o Ministério das Relações Exteriores, publicou o documento *Orientações gerais sobre o ensino para brasileiros no Japão* que orienta os familiares dessas crianças a escolherem o melhor caminho para a educação de seus filhos fora do Brasil.

Portanto, este artigo que escrevemos é a análise deste e de outros documentos contando com a apresentação dos resultados de uma pesquisa qualitativa, utilizando de um questionário com perguntas abertas, coletando os depoimentos de quatro professores e de uma análise documental a respeito das implicações, relevância e estrutura desse documento, além de uma pesquisa bibliográfica de autores que estudaram essa comunidade nipo-brasileira.

O objetivo é conhecer as estratégias adotadas por ambos os governos, para proporcionarem melhores condições educacionais para essas crianças, compreender a história da imigração nipo-brasileira e qual a relevância desse documento para os brasileiros no Japão. Apresentaremos as alternativas que o governo Japonês e Brasileiro oferece para as famílias e refletiremos se essas alternativas estão sendo suficientes para atender a demanda e necessidades das famílias de imigrantes. Apontaremos as dificuldades enfrentadas pelas famílias migrantes, dando enfoque especial aos problemas no campo da afetividade, da autoestima e da aprendizagem das crianças.

Este tema possivelmente é de interesse não somente de famílias descendentes, mas de docentes pesquisadores, para que tenham conhecimento de como se dá a educação para estrangeiros e entender quais são as demandas que essas pessoas enfrentam. A população nipo-brasileira ainda é muito pouco estudada e acreditamos que esta pesquisa será de grande relevância para a comunidade científica e para as famílias de descendentes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Educação na primeira etapa da imigração

Para iniciarmos o entendimento acerca das dificuldades da educação de nipo-brasileiros, primamos pela contextualização histórica. É necessário que compreendamos o início da imigração japonesa ao Brasil, que resultou nessa relação de interesses bilaterais e como a educação era considerada essencial na época.

O processo se iniciou efetivamente em 1908, no momento em que o Japão passava por reformas políticas e tentava resolver problemas internos. Além disso, “na virada do século XIX para o XX, o Brasil passou a adotar uma postura receptora de mão-de-obra imigrante, à medida que se sucedeu a abolição da escravatura e a implantação da cafeicultura demandava mão-de-obra nesse período.” (SASAKI, 2006, p.100).

Quanto às reformas políticas que aconteceram no Japão até o ano de 1908, elas foram acompanhadas também por grandes mudanças no âmbito educacional, justificando a enorme preocupação dos japoneses com relação à educação de seus filhos, como afirma Miyao (1980, p.91 apud DEMARTINI, 2000, p. 44):

A revolução política e social iniciada na Era Meiji, em 1868, trouxe profunda transformação no regime da nação nipônica, dando prioridade à difusão da educação, difundindo-a de modo drástico, (...). Desde então o Japão emergiu de uma nação fechada, de 300 anos de isolacionismo, conseguindo rápida modernização com a introdução maciça da cultura ocidental. O japonês que viveu uma época assim peculiar sentia no seu âmago que a instrução era a coisa mais importante da vida, sobrepondo-se a qualquer outra opção. O imigrante japonês que começou a chegar ao Brasil em 1908 também foi criado nesse ambiente.

Conforme o parágrafo citado, esse ambiente altamente preocupado com a educação está presente na história das colônias japonesas em São Paulo. A cidade foi a principal receptora das famílias de imigrantes. Os japoneses tinham a perspectiva de se instalar provisoriamente para trabalhar e acumular dinheiro suficiente e retornar ao seu país. No entanto, a Primeira Guerra Mundial que se iniciou em 1914, dificultou esses planos, fazendo com que os japoneses tivessem que ficar por mais algum tempo. Dessa forma, a preocupação em formalizar a educação dos filhos se tornou ainda maior.

Tendo em vista a perspectiva de retorno, os imigrantes japoneses primavam pelo ensino do idioma japonês, pela instrução quanto à forte cultura japonesa relacionada à “devoção filial” (oya-koko), a obrigação dos filhos para com os pais e pelo espírito japonês (Yamato Damashi). Mas conforme Demartini (2000, p.65), eles não receberam ajuda do governo, tornando-se necessário a criação de suas próprias escolas dentro das fazendas em que se instalaram para trabalhar:

Em síntese, analisando os relatos sobre as escolas e o ensino podemos afirmar que o surgimento dessas escolas ocorre principalmente para a preservação da cultura e dos valores japoneses (escolas particulares), mas, também, que sua criação servia para suprir as deficiências do sistema educacional brasileiro. No caso das escolas religiosas, sua criação demonstrava tentativas de integrar os japoneses à cultura nacional. Não há um padrão único na criação das escolas, mas existem pelo menos quatro tipos, como vimos: 1) as escolas surgidas da união de famílias, que parecem ter sido o tipo mais comum; surgem em virtude dos esforços e interesses dos pais em proporcionarem certo grau de escolaridade aos descendentes. Como exemplos temos a escola da colônia de Itaquera e a Escola Nipo-Brasileira; 2) as escolas fundadas por indivíduos com recursos para atender à demanda por educação da comunidade japonesa, como a Escola de Corte e Costura Akama; 3) as escolas criadas pelas companhias de imigração; 4) as escolas criadas por entidades religiosas.

A primeira etapa da imigração foi marcada por um governo ultranacionalista que dificultou muito a manutenção dessa educação japonesa. O governo de Vargas tentou, de todas as formas, erradicar o ensino de língua e cultura estrangeira, fazendo com que japoneses mantivessem escolas clandestinas. Houve ainda a tensão causada pela Segunda Guerra Mundial que dividiu a população japonesa em duas linhas de pensamentos, enfraquecendo suas colônias. Além disso, a dúvida do retorno, de não ter a certeza se um dia retornariam ao seu país de origem e o sentimento de não pertencimento, talvez sejam algumas das causas que mais dificultaram, e ainda dificulta, a vida dos estrangeiros, como comprovaremos mais a frente.

2.1 Educação na segunda etapa da imigração

Já a segunda etapa da imigração, que foi retomada em 1953 e terminou em 1973, teve um contexto um pouco diferente. A Segunda Guerra Mundial, que se encerrou em 1945, deixou marcas e dificuldades em todo o mundo, mas principalmente para os japoneses. Mais uma vez reiniciou o processo de imigração; dessa vez com o objetivo de fugir das tribulações que enfrentavam e tentar recomeçar suas vidas no Brasil. Cabe ressaltar que a imigração do pós-guerra teve características e perfil de imigrantes diferentes da primeira etapa da imigração:

[...] O governo japonês continuou regendo a migração, e pode-se dizer que os japoneses que imigraram ao Brasil no período pós-guerra eram diferentes dos que vieram no pré-guerra. Parece ter havido uma relação tensa entre os imigrantes japoneses do pré e os do pós-guerra. Os do pós-guerra – chamados de “Japão Novo”

– eram jovens rapazes educados e especialistas qualificados na área agrícola e também em alguns setores da indústria. (SASAKI, 2006, p.104)

Essa segunda etapa da imigração também apresentou uma grande mudança no campo educacional. Se no passado, as famílias japonesas dedicavam todos os seus esforços à construção de escolas japonesas e à manutenção da cultura, nesse momento, elas passaram a dar maior importância à educação brasileira. Os planos, agora, já não eram de retornar ao Japão, mas de se estruturarem na sociedade brasileira, terem sucesso financeiro e ocuparem boa posição social no Brasil, como podemos ver:

Mas as repercussões da guerra no campo educacional vão se manifestar indiretamente e ao longo do tempo: com a derrota do Japão, os projetos que se concretizariam com o retorno àquele país são interrompidos; há uma mudança na representação da sociedade brasileira, no caso, paulista, que passa a ser vista como aquela em que os filhos devem se inserir em escalões mais altos. Mudam assim os investimentos das famílias japonesas, não só no plano econômico, mas especialmente no educacional: a educação escolar nacional, e não mais a “japonesa”, passa a ser prioritária. A importância da escola japonesa no processo de ascensão social diminui. (DEMARTINI, 2000, p. 69)

Esse é o momento em que a imigração japonesa começa a perder força. Os japoneses que estão no Brasil vão, em sua maioria, criando raízes. O Japão começa a se reestruturar, fazendo com que os japoneses, não mais queiram deixar o país. Em contrapartida, o país torna-se, dessa vez, um destino atraente para novos imigrantes. Inicia-se a preparação para o movimento decasségui. A busca dos descendentes de japoneses, criados no Brasil, por novas oportunidades na terra de seus antepassados.

2.2 Educação de brasileiros no Japão

Após o declínio da imigração japonesa em 1973, passados alguns anos, na década de 1980, o Brasil enfrentou uma crise econômica e política que ameaçava o padrão de vida da população. Dessa vez, os descendentes de japoneses residentes no Brasil, enxergaram possibilidade de prosperar no país de seus antepassados. “Enquanto no Brasil, a década de 1980 foi caracterizada pela recessão econômica, inflação e desemprego, do outro lado do planeta, o Japão experimentava um *boom* econômico durante a segunda metade dessa década.” (SASAKI, 2006, p.105).

É iniciado então o processo conhecido como “movimento decasségui”. “O termo decasségui significa trabalhar fora de casa. [...] é utilizado para caracterizar a ida de descendentes de japoneses do Japão a outros países para trabalhar temporariamente, em serviços considerados desqualificados [...]” (Costa, 2012, p. 209). Esse movimento, assim como ocorreu no Brasil, apesar de ser uma boa alternativa por algum tempo, acabou apresentando muitos problemas para as famílias, como veremos mais a frente:

Passados aproximadamente oitenta anos, o fluxo de imigrantes se inverte: nipo-brasileiros buscam melhores condições de vida nas linhas de fábricas de japonesas em serviços pouco qualificados. O que poderia ser uma oportunidade de aprendizagem cultural para os nipo-brasileiros, como vivenciar a cultura de seus antepassados para compreender melhor sua identidade e o papel na sociedade brasileira, não vem ocorrendo. (COSTA, 2012, p. 207)

Os primeiros brasileiros que retornaram na década de 1990, não tiveram grandes dificuldades, por se tratarem das primeiras e segundas gerações, mas com o passar dos anos o cenário foi se modificando, conforme coloca Sasaki (2006, p.108):

[...] gerações mais avançadas (segunda [nissei] e terceira [sansei]); proporção sexual relativamente equiparada; faixa etária mais jovem; sem o domínio da língua (dada a grande presença de brasileiros no Japão, diminui a necessidade de os novos migrantes saberem falar a língua japonesa); mais solteiros e recém-casados (casados há pouco tempo ou com filhos pequenos e/ou dependentes) [...] caráter mais familiar do que individual; aumento na duração da estada dos brasileiros no Japão; presença de pessoas de origem não-nipônica entre os cônjuges dos descendentes de japoneses que têm direitos estendidos, isto é, aqueles que não têm ancestralidade japonesa passam a ter os mesmos direitos que os cônjuges de origem nipônica e são igualmente classificados como nikkeijin.

Nesse sentido, o perfil desses imigrantes mais recentes, era da classe média e tinham como objetivo o trabalho temporário, a fim de pouparem dinheiro e retornar ao Brasil mais enriquecidos. Apesar desse sonho, a realidade de trabalho no Japão, não foi exatamente como esperavam, pois segundo Costa (2012, p.210):

O custo de vida no Japão é um dos maiores do mundo. Para manter um padrão de vida estável e guardar algumas economias para retornar ao Brasil, os decasséguis chegam a trabalhar de doze a catorze horas por dia. Mesmo trabalhando tanto, o salário vem decaindo devido à desaceleração da economia japonesa, diminuindo a reserva para retorno ao Brasil [...].

E é justamente essa situação que está diretamente relacionada com a educação e a construção da identidade nipo-brasileira, pois conforme exposto a necessidade de trabalho, causa ausência dos pais na vida dos filhos. Seja no caso em que um dos cônjuges vai sozinho

para o Japão ou na situação em que toda a família vai ao Japão, mas os dois saem para trabalhar, deixando o filho sem o devido acompanhamento. Os pais decasséguios enfrentam no Japão uma carga horária de doze a dezesseis horas de trabalho diário, marcando essa ausência principalmente na vida escolar dos filhos.

A fim de preparar um futuro melhor para seus filhos, as mães decasséguias também se ausentam do lar, o que contrasta com a tradição japonesa. Numa sociedade em que a mãe tem um papel fundamental na educação, a mulher decasségui se vê deslocada, pois, não seguindo o padrão de boa mãe, acaba sendo considerada negligente em relação aos cuidados de seus filhos. As mães entrevistadas, quando residentes no Japão, auxiliaram economicamente em casa, com a mesma carga horária do cônjuge. (COSTA, 2012, p. 211)

Desde então, tornou-se muito importante pensar o processo educativo dessas crianças que, inseridas nesse contexto, viviam junto com os pais a vontade de cultivar a cultura do seu país de origem, alimentando o sonho de retorno. O mais complexo é pensar sobre essa origem. Além da dificuldade de inserção e adaptação a uma nova cultura, as situações eram diversas, como por exemplo: crianças nascidas no Brasil que se mudavam para o Japão junto com os pais ou crianças que nasciam no Japão, mas sabiam que um dia conheceriam o Brasil.

Diante disso, é necessário pensar que apesar de a educação sempre ter sido algo muito importante para a comunidade nipo-brasileira no Brasil, no Japão a situação é outra:

Mas no Japão os nipo-brasileiros não são caracterizados da mesma forma. Devido à estrutura que se colocam para os decasséguios trabalharem, a família, que é a base do bom desempenho escolar desta clientela, está se desestruturando, ocasionando dificuldades de aprendizagem nessas crianças por diversos fatores: conflitos de identidade, o não aprendizado das línguas japonesa e portuguesa, baixa autoestima e falta de acompanhamento dos pais. [...] (COSTA, 2012, p. 208)

Dessa forma, podemos perceber que, no campo educacional, a realidade enfrentada pelas famílias brasileiras no Japão, são ainda mais difíceis do que as situações enfrentadas pelos antepassados no Brasil. Antes as famílias tinham mais disponibilidade para dedicar tempo aos filhos. Atualmente, no Japão, com as duras condições de trabalho, impostas ao estrangeiro, isso se torna muito difícil.

Esse é o contexto do movimento decasségui e falaremos agora sobre os aspectos da educação e da formação identitária nipo-brasileira. Mas, diante do exposto, é importante também problematizar quanto à questão de falar sobre volta de brasileiros ao Japão. Conforme Sasaki (2006, p. 112), os brasileiros que estão indo ao Japão, não são os mesmos

que vieram ao Brasil, mas sim seus descendentes. Por esse motivo, os decasséguis vivenciam um contexto bastante distinto do país que seus antepassados deixaram para trás, enfrentando preconceito e difíceis condições de vida:

[...] O problema não é utilizar o termo, mas, sim, ter clareza ou ter consciência dos fatores que estão por trás. Por exemplo, a manipulação ideológica do governo japonês em nome da identidade nacional nipônica que se pode notar em várias dimensões da vida social. Enfim, são circunstâncias que impõem a rediscussão de paradigmas de identidade e referenciais étnicos, especialmente na sociedade japonesa.

A partir dessa contextualização, conseguiremos compreender o papel fundamental da educação em todo o processo de imigração e como isso reflete até os dias atuais. As questões de identidade e referenciais étnicos sempre foram pontos importantes para a formação da cultura nipo-brasileira. Há uma importante reflexão sobre a atitude de eugenia dos japoneses quanto aos seus imigrantes. Um paradoxo entre valorizá-los como descendentes, mas desqualificá-los enquanto mão de obra. Como auxiliar crianças na formação identitária, vivenciando tal paradoxo?

2.3 Educação e a formação da identidade nipo-brasileira

O processo educacional para estrangeiros requer uma atenção especial, pois existem particularidades que dificultam a adaptação e o bom rendimento escolar das crianças. Esse processo pode envolver duas culturas totalmente distintas, além de idioma e metodologias de ensino. Fora toda essa diferença, a criança já está passando por muitas mudanças externas, relacionadas à estrutura familiar e de amigos, diferenças de espaço e ambiente e as mudanças do seu próprio organismo, como inseguranças, dificuldade de socialização e formação de identidade.

O número de filhos de decasséguis em idade escolar deu um salto significativo a partir da década de 1990. No começo, muitas dessas crianças ao experimentarem o sistema de ensino japonês tiveram problemas de adaptação escolar, aprendizagem da língua japonesa e ijime (maus tratos por alunos japoneses), neste contexto seus pais preferiram deixar estas crianças em casa. E também, como os pais não sabiam quando iriam retornar ao Brasil e percebiam que seus filhos na escola japonesa estavam esquecendo a língua portuguesa, e principalmente, a identidade brasileira, decidiram montar escolas sem suas próprias casas. [...] (COSTA, 2012, p. 219)

Tendo em vista a citação acima, talvez um dos maiores problemas enfrentados por crianças e adolescentes e também pela família, é a dificuldade em lidar com o dilema de nunca ser 100% brasileiro e nem nunca ser 100% japonês. Para os pais é muito difícil definir a melhor forma de educar os filhos. Enquanto estão no Japão, o melhor é educá-los de acordo com o ensino e a cultura japonesa? Ou o melhor a ser feito é mantê-los em escolas brasileiras para que não tenham dificuldades com o ensino do Brasil?

Mesmo as crianças nascidas e criadas no Japão, que têm a facilidade de aprender uma segunda língua na infância e uma maior capacidade de absorção da cultura japonesa, enfrentam alguns problemas ao perceberem que não se encaixam totalmente aos padrões sociais. Percebem o quanto são brasileiros na sua essência. Esse dilema é muito bem apresentado no parágrafo abaixo por Costa (2012, p. 209):

No Brasil o nipo-brasileiro não é considerado brasileiro por suas características físicas e valores herdados pelos imigrantes japoneses. No Japão, parece japonês, mas não é considerado como tal (para ser japonês tem de nascer no Japão e ser filho de japonês) além de conflitos culturais por não seguir costumes japoneses, não dominar o idioma japonês e, muitas vezes, não construir laços de amizade com a comunidade local. Então, quem é o nipo-brasileiro? E quais as percepções que as crianças estão construindo em relação à identidade nipo-brasileira?

Há ainda o caso das crianças que nasceram no Brasil e se mudaram para o Japão, mas que também não se identificam nem como brasileiros e nem como japoneses, isso atrelado à dificuldade do idioma. Essas famílias ainda enfrentam a ausência dos pais, devido à longa jornada de trabalho. Além da dificuldade do brasileiro no Japão, eles enfrentam conflitos culturais e de identidade, ainda no retorno ao Brasil.

A maioria das escolas brasileiras não se prepara para receber alunos estrangeiros. Como as leis educacionais no Brasil não inserem o aluno em turmas de acordo com idade, mas sim, de acordo com seu desempenho, o que acontece é a aplicação de provas para a reclassificação do aluno. Mesmo ele apresentando histórico escolar do país de origem, o idioma é uma barreira para o acompanhamento do aluno na turma.

Voltando ao Brasil, muitas vezes com suas famílias desmembradas, as crianças decasséguis também enfrentam os mesmos desafios nos espaços escolares brasileiros, provocando repetência, desinteresse, fraco desempenho escolar, baixa autoestima. O que ocorre com essas crianças? Onde estão os valores que até então serviam de norte para educá-las? O que ocorre com essas famílias? Qual o papel da escola no auxílio dessas crianças no processo de aprendizagem e construção de identidade? (COSTA, 2012, p. 208)

Apesar de todo esse cenário exposto, aos poucos, o Japão vem buscando se adaptar a realidades dos imigrantes adequando-se com uma educação mais integradora. O governo japonês começa a se preocupar com a situação, a partir da abertura de sua cultura extremamente conservadora e nacionalista, percebendo a importância dos imigrantes brasileiros para a mão de obra do país, como forma de valorizar essas famílias.

[...] No início da imigração de brasileiros para o Japão, as crianças eram matriculadas em escolas públicas que pouco faziam para ajudá-las a adaptar-se. Hoje, há informações em português nos espaços da escola, contratação de professores e assessores brasileiros, conteúdos pluriculturais, práticas individuais com professores brasileiros ou japoneses ou trabalho voluntário. E principalmente, as chamadas salas internacionais que recebem alunos estrangeiros que não sabem japonês no intuito de ensiná-los. (COSTA, 2012, p. 218)

Além das medidas pensadas pelo governo japonês, a própria comunidade brasileira no Japão, também começou a formalizar o ensino para brasileiros. Iniciou-se com escolas informais, montadas nas próprias casas, mas depois começaram a surgir escolas regulamentadas pelo Ministério da Educação do Brasil, que apoiou e incentivou a criação de escolas.

Sabendo desta realidade da comunidade brasileira no Japão, a partir de 1999, várias medidas foram implementadas pelo governo brasileiro: educação a distância de jovens e adultos com a retransmissão do Telecurso-2000, para maiores de quinze anos em nível de ensino fundamental e em nível médio para maiores de dezoito anos; exames supletivos nas Embaixadas para obtenção de diploma e a autorização e reconhecimento das escolas brasileiras no Japão, mediante documentação: uma proposta pedagógica conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais Brasileiras, segundo a Lei n. 9 394, de 20 de novembro de 1996. (COSTA, 2012, p. 219)

Ainda assim, há a necessidade de orientar os pais quanto à educação, pois agora a dúvida era qual a melhor escola/ensino e o que melhor atenderia os planos familiares. Tendo isso em vista, o governo brasileiro criou um documento que daria um direcionamento às famílias nessas condições.

Por meio de perguntas e respostas específicas sobre situações concretas, vivenciadas no dia-a-dia pela comunidade brasileira no Japão, o documento oferece um quadro de referência e busca dar transparência às normas jurídicas aplicáveis à oferta de educação básica no Japão e esclarecer e ajudar os cidadãos brasileiros a tomar decisões sobre o seu futuro naquele país. [...] (BRASIL, 2018, p. 5)

Até o momento, apresentamos a trajetória do povo nipo-brasileiro, numa perspectiva histórica, assim como as complexidades e as conquistas no campo educacional e cultural. Na

metodologia, contaremos como nossa pesquisa foi feita, analisando documentos e entrevistando professores, com o objetivo de esclarecer o cenário atual e nortear professores e familiares na busca de uma melhor educação para os nipo-brasileiros.

3 METODOLOGIA

Na produção deste artigo tivemos o objetivo de conhecer e apresentar a trajetória dos imigrantes japoneses, para assim, compreendermos melhor a situação atual em que vivem os nipo-brasileiros. Quisemos entender a relevância da família na educação japonesa e como a instabilidade e a incerteza do imigrante afeta a educação dos filhos. Para isso, analisaremos o documento de orientação criado pelo governo brasileiro, assim como os benefícios trazidos e como as famílias são impactadas por ele.

Nesta pesquisa adotamos uma abordagem qualitativa em que “[...] o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.” (GODOY, 1995, p.21).

Como coleta e análise de dados, utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental, e também, um questionário aplicado a professores. “Estudos baseados em documentos como material primordial, sejam revisões bibliográficas, sejam pesquisas historiográficas, extraem deles toda a análise, organizando-os e interpretando-os segundo os objetivos da investigação proposta.” (PIMENTEL, 2001, p. 180).

Além da leitura de textos e documentos, utilizamos também um questionário (anexo1) aplicado a três professoras brasileiras que trabalham com crianças brasileiras no Japão e um professor japonês que trabalham em escolas japonesas que receberam alunos brasileiros. A aplicação do questionário irá validar nossa pesquisa, visto que Gil (1999, p.121) define como:

[...] a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Dessa forma, esperamos evidenciar as dificuldades enfrentadas por docentes envolvidos na educação de imigrantes atualmente e deixar a importante reflexão sobre o papel fundamental da família no processo educacional e da formação identitária do cidadão nipo-brasileiro. Desejamos apresentar uma proposta de como a educação de nipo-brasileiros pode efetivamente ser melhorada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico relataremos as principais ideias encontradas na pesquisa bibliográfica e documental realizada e analisaremos os questionários de perguntas abertas aplicados aos quatro professores. Além disso, discutiremos as orientações apresentadas no documento *Orientações gerais sobre o ensino para brasileiros no Japão* publicado em setembro de 2018, pelo Ministério da Educação do Brasil juntamente com o ministério das relações exteriores.

Dessa maneira, iremos compreender as dificuldades enfrentadas por alunos e professores envolvidos no processo educacional de nipo-brasileiros atualmente, assim como as estratégias criadas pelos governos e colocaremos propostas de intervenção para essa educação.

No caso de famílias brasileiras que estão indo ao Japão, o governo brasileiro criou o documento *Orientações gerais sobre o ensino para brasileiros no Japão*, disponível na internet ⁴ apresentando as opções de educação para os filhos. Atualmente são oferecidas:

- Escolas do ensino público japonês, com aulas no idioma japonês. - Escolas particulares japonesas que, também, ministram aulas no idioma japonês. - Escolas internacionais (americana, francesa, indiana etc.) que oferecem ensino bilíngue (o idioma da escola e o japonês). Seguem currículo internacional, que poderá ser retomado em escolas da mesma rede localizadas em outros países, inclusive no Brasil. - Escolas particulares com ensino em língua portuguesa que são estabelecimentos privados, de direito japonês, e oferecem atividades de educação básica em português, com complemento de japonês, e cuja proposta pedagógica e organização curricular são baseadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e nas Diretrizes Curriculares Brasileira. São aquelas que, tradicionalmente e em linguagem corrente, são chamadas de escolas brasileiras. (BRASIL, 2018, p. 8)

⁴ http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/101591-orientacoes-gerais-sobre-o-ensino-para-brasileiros-no-japao/file?fbclid=IwAR3IpEytRhj4VllyyRBBEIvWV2AoJDfJGeSu4oFy0zzwNMNpGHUcQS_or8Q

Esse documento cita a necessidade de viajar com todos os documentos escolares dos filhos, caso o filho já esteja em idade escolar no Brasil. Solicitar na escola de origem documentos que comprovem sua escolaridade como histórico escolar e solicitação de transferência. O ideal é procurar meios legais para a tradução desses documentos como explica o artigo.

Além desse documento, o consulado geral do Brasil em Nagoia também tem um documento de orientação disponível na internet ⁵ em que explica detalhadamente o sistema de ensino japonês e os passos e regras para o ingresso no sistema escolar público japonês. O documento está disponível em português.

Diante dessas possibilidades de escolhas, cabe a família uma análise atenciosa das opções, levando em consideração que o ensino japonês é considerado um dos melhores do mundo e também o planejamento familiar. É necessário também pensar que a escola japonesa é pública em sua maioria, mas a escola brasileira é particular e com custos altos. Para ilustrar melhor essa situação iremos comparar o questionário das três professoras que trabalham em escolas brasileiras com as respostas do professor japonês. A apresentação dos relatos será feita com a utilização de nomes fictícios e os questionários originais e na íntegra estão em nosso arquivo.

A professora K nos conta sobre o perfil dos alunos que atende:

“A maioria são brasileiros, mas tenho alunas que são filhas de japonês com brasileira e elas falam os dois idiomas. A maioria sempre estudaram em escola brasileira. Tenho 2 alunas que estudavam em escola japonesa e vieram para brasileira por não se adaptar. Algumas famílias pretendem voltar ao Brasil, outras não. A realidade dos brasileiros aqui no Japão mudou muito de alguns anos atrás. Os brasileiros vinham para o Japão ganhar dinheiro, voltar para o Brasil comprar uma casa, um carro e montar um comércio para trabalhar. Hoje o brasileiro busca trabalhar, comprar casa aqui no Japão para ter qualidade de vida. Muitos querem que seus filhos tenham nível superior, então optam em deixar na escola brasileira pois sabem da dificuldade que os estrangeiros encontram para uma formação acadêmica no Japão.”

Neste relato, observamos que um dos motivos que influencia na decisão dos pais sobre a escola em que matriculam seus filhos está relacionado com o impacto a longo prazo. Para proporcionar sucesso escolar e dar a oportunidade de os alunos continuarem os estudos de

⁵ http://nagoia.itamaraty.gov.br/pt-br/guias_sobre_educacao_no_japao.xml

forma acadêmica, é necessária uma base educacional sólida e um segmento escolar que possibilite a continuidade dos estudos.

Existe também a dificuldade de ingresso em universidades japonesas, consideradas de excelente qualidade, mas que em sua maioria são privadas e de grande dificuldade de ingresso, desmotivando o estudo das crianças. Dessa forma, é necessário que a criança inicie em um segmento e continue nele. Para isso, os pais precisam ter em mente planos concretos para o futuro, como prazo de estadia no Japão ou em qual país se fixará definitivamente.

A professora K conta ainda das dificuldades que enfrenta:

“Acredito que as dificuldade encontrada para as crianças é a incerteza dos pais. Querem voltar para o Brasil e ao mesmo tempo não querem. Em muitos casos à educação é supérfluo, não é valorizada. Colocam na japonesa por ser mais barato. Porém no período de creche a brasileira se torna mais barata. E com isso a criança fica um período em uma e depois troca. E infelizmente muitos casos as crianças ficam anos na japonesa e depois voltam ao Brasil, sem o domínio da língua materna. Outra dificuldade é seguir a cultura japonesa. As dificuldades encontrada por mim enquanto professora é sanar a carência das crianças que passam em média 12h por dia em sala de aula, período esse que os pais estão nas fábricas. A falta de estrutura nas escolas, pois as ajudas do governo são pequenas diante das necessidades. Não temos biblioteca, laboratório. Apesar que essa realidade está mudando, o governo tem oferecido mais ajudas para escolas brasileiras. Outra grande dificuldade é a carência no atendimento de psicólogo, fonoaudiólogo e outros profissionais especializados para as crianças especiais. [...]”

Com esse depoimento conseguimos comprovar que a relação família-escola se torna difícil na vida do estrangeiro. Na maioria dos casos, os pais estão focados no ganho financeiro e colocam a educação dos filhos em segundo plano. Além disso, a mensalidade escolar, a estrutura física e a instabilidade dos pais são situações apresentadas pela professora.

A respeito da carência de estrutura física e apoio governamental nas escolas particulares brasileiras, a professora Y também nos dá seu depoimento:

“Nossas dificuldades são as estruturas físicas (pouco espaço). Como somos uma entidade particular, ter um grande prédio como as escolas japonesas nem sempre é viável e o salário para os professores também não é muito atrativo se compararmos a outros setores da economia, principalmente para as mulheres. A rotatividade dos alunos também traz um setor temor. Quando há uma crise financeira, muitos pais optam em retornar seus filhos para a escola japonesa, visto que a mensalidade é muito diferente entre as escolas, já que a maioria das escolas japonesas são do governo e tem todas as assistências. Outro ponto também é o pequeno apoio do governo brasileiro às escolas brasileiras no Japão e suas famílias. É necessário mais

investimento nesta área, tanto para a qualidade das escolas e do ensino quanto ao suporte às famílias que pretendem retornar ao Brasil e a integração com a comunidade japonesa e outras instituições de ensino.”

Como é colocado pela professora, a profissão é desvalorizada. A questão salarial é um fator que desmotiva os profissionais, contribuindo para a desqualificação do ensino brasileiro no Japão. É preciso que o governo brasileiro auxilie na manutenção das escolas privadas, acompanhe o desenvolvimento e invista na formação continuada dos professores, mesmo que não estejam em território brasileiro.

Outro ponto discutido, dessa vez pela professora X é sobre a importância da manutenção da Língua de Herança:

“Quais as principais dificuldades enfrentadas nessa realidade?”

Mostrar a importância para os pais que é preciso manter a língua de herança, por mais que estão em escola japonesa e não querem retornar ao Brasil é de extrema importância mantermos a língua materna, para que no futuro essas crianças não tenham crises culturais...”

Essa questão apresentada está diretamente relacionada com a formação identitária do nipo-brasileiro. Existem casos, por exemplo, de crianças que nascem no Japão e que a família não pretende voltar ao Brasil. Essas famílias se adaptam a sociedade japonesa e criam seus filhos de acordo com a cultura japonesa. No entanto, é fundamental que a criança conheça sua origem, a origem de seus pais e aprendam dois idiomas desde pequenas, pois o contexto do estrangeiro é propício a alfabetização bilíngue.

Dessa forma a criança consegue ter uma melhor formação de sua identidade se reconhecendo como descendente e escolhendo qual o país de sua preferência no futuro. Assim como as crianças que nasceram no Brasil e foram ao Japão, também precisam ter uma educação pautada na compreensão de sua história para que ela consiga se compreender e se colocar no mundo, até mesmo para que não tenham dificuldades no retorno ao Brasil.

Por último, analisaremos o depoimento do professor japonês M. Ele nos conta que teve alguns alunos brasileiros, mas que a maioria deles está no Japão desde criança e que ao

chegarem ao ensino secundário já estão adaptados à escola japonesa, não apresentando grandes dificuldades.

“- Nesta escola, atualmente, tem alguns. Cerca de 2 em cada 200 alunos na série.

- Sobre o perfil dos alunos e o idioma japonês, a maioria das crianças que estudam aqui moram no Japão desde pequenas, então ao chegar no ensino médio já estão acostumados com o Japão, logo elas já sabem bem o idioma. Não vemos tantos problemas relacionados à linguagem.

- Sobre o relacionamento com a família, a maioria dos pais não falam tanto japonês como os filhos, então utilizamos o aluno como intérprete para conseguirmos conversar. Dessa forma, conseguimos ter uma boa relação com os pais.

- Sobre as dificuldades enfrentadas na relação professor-aluno, não tenho tido muitos. Alunos e pais estão envolvidos e não há inconvenientes especiais nas relações humanas.”

Como podemos perceber as crianças que se inseriram na educação japonesa desde o começo e nunca mudaram para escola brasileira não tiveram grandes problemas educacionais. A escola japonesa tem criado formas de receber e incluir o aluno estrangeiro, parecendo uma boa opção para os pais. As escolas japonesas tem uma grade curricular completa que ensina desde o conteúdo regular, como a formação social, artística e esportiva.

Tendo em vista o exposto, conseguimos extrair algumas análises importantes no que se refere às alternativas educacionais. O primeiro ponto importante se refere ao comportamento dos pais. Os familiares precisam estar envolvidos em todo o processo educacional do filho, priorizando a educação e tomando decisões que possibilitem um bom desempenho escolar dos filhos.

O segundo ponto importante é que independente da decisão que tomarem com relação a escola brasileira ou escola japonesa, os pais e professores precisam cuidar para que o aluno consiga ter uma boa construção da sua identidade. O ideal é fazer com que os filhos aprendam os dois idiomas, pois isso geraria grande oportunidade escolar no futuro. Apesar das dificuldades enfrentadas pelos professores da escola brasileira, eles estão buscando desempenhar um excelente trabalho, assim como as escolas japonesas estão cada dia mais, se adaptando a realidade dos estrangeiros. Há escolas japonesas com dizeres traduzidos para o português e intérpretes para auxiliar.

É importante também que as escolas brasileiras se preparem para receber os alunos que retornam do Japão, pois mesmo os alunos que estudaram em escolas japonesas ou alunos que estudaram em escolas brasileiras, apresentarão dificuldades de adaptação. A escola precisará conhecer os procedimentos e documentos necessários para a recolocação do aluno na série ideal de forma que não comprometa o seu aprendizado e rendimento escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das leituras foi possível perceber como a educação na comunidade nipo-brasileira tinha um caráter fundamental e prioritário entre os primeiros descendentes que lutaram para preservar a cultura no início da imigração e identificar como o cenário foi se modificando ao longo do tempo.

De forma geral, a maior dificuldade, atualmente, se concentra nas famílias de brasileiros que vão ao Japão em busca de trabalho, pois para as famílias de descendentes que se instalam no Brasil, as alternativas são mais simples já que o Brasil é um país de cultura mais flexível e não possui uma cultura ultraconservadora como no Japão. No Japão as famílias encontram mais dificuldades de adaptação a cultura, além da jornada de trabalho excessiva e da não receptividade para com os estrangeiros.

Tendo em vista esse cenário, tivemos a oportunidade de conhecer os documentos de auxílio criados pelo governo brasileiro e as alternativas que estão sendo desenvolvidas pelo governo japonês na esperança de sanar as dificuldades de professores e alunos no que diz respeito ao idioma, cultura e continuidade dos estudos. Identificamos também a realidade de alguns professores e apresentamos alternativas de educação para esse público.

Desejamos que esse artigo tenha contribuído com a sociedade acadêmica, dando continuidade aos estudos da comunidade nipo-brasileira, trazendo reflexões importantes sobre métodos de ensino para estrangeiros e que tenha proporcionado um direcionamento para as famílias de imigrantes relacionadas ao processo educacional dos filhos.

Esperamos que, vivendo em um mundo cada dia mais globalizado, problemas relacionados a educação de estrangeiros deixem de existir. E que a educação no mundo

caminhe para uma educação humana, formando sujeitos que reconheçam valores sociais, ambientais, respeitando a diversidade e a inclusão de todo indivíduo.

REFERÊNCIAS

BRASIL: Ministério da Educação. **Orientações gerais sobre o ensino para brasileiros no Japão**. Brasília: MEC, 2018.

CALADO, S. dos S; Ferreira, S.C dos R. **Análise de documentos: método de recolha e análise de dados**. Disponível em:

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A Técnica do Questionário na Pesquisa Educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

COSTA, Renata Oliveira. Movimento Decasségui e a Situação Escolar das Crianças no Brasil e no Japão. In: KISHIMOTO, T. M.; DEMARTINI, Z. D. B. F. (Orgs.). **Educação e Cultura: Brasil e Japão**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, pp. 207-222.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Japoneses em São Paulo: Desafios da Educação na Nova Terra. In: KISHIMOTO, T. M.; DEMARTINI, Z. D. B. F. (Orgs.). **Educação e Cultura: Brasil e Japão**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, pp. 23-46.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Relatos Oraís de Famílias de Imigrantes Japoneses: Elementos para a História da Educação Brasileira. **Educação e Sociedade**, ano XXI, n. 72, ago. 2000, pp. 43-72.

DEMO, P. **Pesquisa qualitativa: Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo**. Rev.latinam.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998.

GIL, Antônio Carlos. Questionário. In: ____ **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

KAWANO, Otila. **Guia de ingresso na escola primária japonesa**. Nagoia: Consulado-geral do Brasil em Nagoia; Handa: Ciranda no Kai, 2018.

KISHIMOTO, Tizuko Morshida; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri (Orgs.). **Educação e Cultura: Brasil e Japão**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORALES, Leiko Matsubara. **Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como língua estrangeira**. São Paulo: USP, 2008. Tese.

NOZAKI, Izumi. O fracasso escolar das crianças migrantes no Japão: as políticas educacionais em discussão. In: MICHELS, M. H.; GENTIL, H. (Orgs.). **Práticas Pedagógicas: política, currículo e espaço escolar**. 1. ed. Araraquara: Junqueira&marin, 2011, pp. 41-74.

PIMENTEL, Alessandra. O Método da Análise Documental: Seu Uso Numa Pesquisa Historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 179-195, 2001.

SASAKI, Elisa. A imigração para o Japão. **Estudos Avançados 20**, São Paulo, p. 99-117, 2006.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Gostaríamos de solicitar a vossa participação nesta pesquisa, para que possamos conhecer melhor a realidade enfrentada por profissionais brasileiros na educação no Japão. A pesquisa visa entender as dificuldades enfrentadas por alunos nipo-brasileiros, verificar um estudo bibliográfico e conversar a respeito de alternativas para o melhoramento das situações apresentadas. Sinta-se a vontade para relatar da forma que desejar. Obrigada!!

Nome: opcional

Escola em que lecionou ou leciona?

Qual segmento da educação básica atua?

Relato sobre sua rotina de trabalho atualmente.

Qual o perfil das crianças que atende? São filhas de japoneses? Falam os dois idiomas?

Estudaram em escolas japonesas? As famílias têm planos de retorno ao Brasil?

Quais as principais dificuldades enfrentadas nessa realidade.